



Evento: XXX Jornada de Pesquisa

RAÇA, PRECONCEITO E EXCLUSÃO: AS PERMANÊNCIAS HISTÓRICAS DO RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL¹

Taritza Dorn de Oliveira², Airton Adelar Muller³, Tarcisio Dorn de Oliveira⁴

¹ Pesquisa desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias (GTEC).

² Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Graduada em Direito pela Universidade Franciscana (UFN). Bolsista Capes.

³ Doutor em Sociologia pela Freie Universität Berlin.

⁴ Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

A ciência moderna afirma que o conceito de raça não possui base biológica, pois não há diferenças genéticas significativas entre grupos humanos que justifiquem hierarquias ou desigualdades. Segundo Federico (2021), o conceito de raça deve ser compreendido como uma categoria analítica central nos estudos sobre desigualdade. Em sua análise de pesquisas em psicologia, a autora destaca a presença do termo em descritores como “negro”, “relações raciais” e “racismo”, reafirmando que raça opera como uma ferramenta de organização social, e não como um dado natural, sendo fundamental para compreender as dinâmicas do racismo estrutural. Historicamente, a noção de raça foi usada para naturalizar desigualdades e justificar a violência contra grupos socialmente marginalizados.

No Brasil, embora a maioria da população seja negra, isso não se traduz em maior protagonismo ou acesso a direitos. Para Federico (2021), o racismo é uma estrutura social complexa, que ultrapassa atitudes individuais, operando como um sistema que sustenta desigualdades históricas e institucionais. Essa estrutura afeta diretamente as relações sociais, a distribuição de poder e o acesso a oportunidades, reforçando a exclusão da população negra. Assim, o enfrentamento do racismo exige a compreensão de suas bases históricas e sistêmicas, não se limitando à mudança de comportamentos individuais. O objetivo do presente texto calca-se em analisar, em perspectiva histórica, como a construção social da raça e a institucionalização do preconceito racial contribuíram para a exclusão sistemática da população negra no Brasil, discutindo as permanências do racismo estrutural nas políticas públicas, nas práticas sociais e no imaginário coletivo brasileiro.



METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender de forma aprofundada o fenômeno investigado em sua complexidade, com atenção aos aspectos simbólicos, sociais e institucionais envolvidos (Gonsalves, 2003). A metodologia está baseada em revisão bibliográfica, que fornece o suporte teórico necessário e insere a pesquisa no campo acadêmico (Gil, 2002). Para a análise dos dados, utiliza-se a técnica de análise de conteúdo categorial, conforme proposta por Bardin (2015), organizada em três eixos temáticos: (1) raça como construção social e instrumento de dominação; (2) preconceito racial e seu enraizamento cultural; e (3) exclusão e desigualdade como herança histórica da escravidão no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na abordagem histórica presente em estudos sobre raça, preconceito e exclusão no Brasil, especialmente em obras que tratam desses temas de forma crítica e contextualizada é possível destacar três pontos fundamentais:

Raça como construção social e instrumento de dominação: A noção de “raça” no Brasil foi socialmente construída para legitimar a escravidão e estabelecer hierarquias sociais duradouras. Mesmo após a abolição, essa ideia continuou operando como instrumento de exclusão, moldando políticas públicas, relações sociais e o acesso a direitos. Segundo Souza (2021), “raça” não possui base biológica, mas sim social, sendo mobilizada para justificar desigualdades e consolidar privilégios. Para o autor, funciona como um mecanismo de dominação que sustenta estruturas de poder e se articula com outras formas de opressão, como as de classe, gênero e cultura. Com o passar do tempo, especialmente no Brasil, o racismo foi se adaptando a novos discursos (como a guerra ao crime e o combate à corrupção) que, sob aparente neutralidade, continuam criminalizando os mais pobres, sobretudo a população negra, e impedindo avanços reais na inclusão e na equidade social.

Preconceito racial e seu enraizamento cultural: O preconceito racial no Brasil vai além de atitudes individuais, estando presente em práticas institucionais, na linguagem e nas representações sociais. Santos (2022) apresenta uma análise histórica que revela como o racismo estruturou a sociedade brasileira desde o período colonial. A autora destaca que a escravidão não foi um evento isolado, mas um sistema que consolidou bases sociais, políticas e econômicas excludentes, cuja herança ainda se reflete nas desigualdades atuais. Ainda, Santos



(2022), traz que a exclusão da população negra e a concentração de privilégios entre as elites brancas são consequências diretas desse passado, mantidas por estruturas que continuam operando simbolicamente e institucionalmente. Naturalizado ao longo da história, o racismo, portanto torna-se muitas vezes invisível, dificultando seu reconhecimento como problema social, embora se manifeste de forma persistente nas desigualdades de renda, educação, justiça, segurança e na contínua criminalização da população negra no Brasil contemporâneo.

Exclusão e desigualdade como herança da escravidão: Mesmo após a abolição, as populações negras e indígenas continuaram sendo sistematicamente excluídas dos direitos sociais, econômicos e políticos, com essa exclusão refletida no acesso desigual à educação, saúde, trabalho e moradia. Souza (2021) defende que o racismo está na base da formação da sociedade brasileira, reconstruindo sua origem desde a civilização ocidental. O autor mostra como o processo de desumanização iniciado com a escravidão foi essencial para consolidar desigualdades profundas no país, ao sustentar que a exclusão de negros e pobres, enraizada no sistema escravocrata, segue sendo reproduzida por meio de diversos mecanismos. Esse processo perpetua um ciclo de marginalização que permanece nas estruturas do Estado e da sociedade que reforçam a permanência da desigualdade e dificultam o rompimento com o legado colonial e escravocrata que ainda estrutura grande parte da realidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo deve ser compreendido não apenas como preconceito individual, mas como uma estrutura que produz desigualdades e danos sociais, exigindo análises que integrem dimensões sociais, políticas, analíticas e descritivas. Para isso, é essencial entender o conceito de “raça”. Embora frequentemente associado a traços físicos como cor da pele ou tipo de cabelo, trata-se de uma construção social, e não de uma categoria biológica válida. Historicamente, a ideia de raça foi usada para hierarquizar grupos humanos com base em critérios pseudocientíficos. No entanto, os avanços da genética demonstram que as diferenças biológicas entre seres humanos são mínimas e não sustentam a noção de raças do ponto de vista científico.

O conceito de raça, preconceito e exclusão ainda exerce forte impacto na vida das pessoas, tendo sido historicamente utilizado para legitimar e perpetuar estruturas de dominação e desigualdade, especialmente em contextos marcados pelo colonialismo, escravidão e racismo institucional. Discutir raça não implica reconhecer sua existência biológica, mas sim



compreender seus efeitos sociais, políticos e econômicos. É essencial analisar como essa construção social sustenta sistemas de opressão e refletir sobre formas de desconstruí-la, visando promover a equidade e o respeito à diversidade humana em suas múltiplas dimensões.

Palavras-chave: Raça. Racismo. Preconceito. Exclusão. Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2015.

FEDERICO, Roberta Maria. **Psicologia, raça e racismo: uma reflexão sobre a produção intelectual brasileira**. São Paulo: Telha, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. São Paulo: Todavia, 2022.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.